

## A ESTRUTURA DAS CONSTRUÇÕES TÓPICO-SUJEITO: UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA

Yan dos Santos Silva<sup>1</sup>  
Isabella Lopes Pederneira<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca não somente explicitar quais são as inconsistências e incoerências da Gramática Tradicional (Doravante, GT) na definição da categoria gramatical “sujeito”, como também propor subsídios aos professores da Educação Básica, por meio de metodologias de ensino ativas que oportunize aos alunos refletirem sobre a própria língua. Sendo assim, adotando o modelo da Gramática Gerativa (CHOMSKY, 1965) e, conseqüentemente, entendendo a linguagem como uma capacidade inata do indivíduo, há um destaque para as representações sintáticas através dos diagramas arbóreos, que evidenciam a relação entre sintagmas, sobretudo a vinculação da estrutura verbal com o Argumento Externo - que, geralmente, é o “sujeito” da sentença. Além disso, há a necessidade de se pensar a existência de determinados sintagmas que, ainda que não sejam exigidos pelo predicador verbal, aparecem comumente nas sentenças. Nesse sentido, as construções tópico-sujeito entram como objeto de estudo.

Sob o olhar dos precursores da Gramática Gerativa, havia um vácuo representacional das construções tópico-sujeito, uma vez que a Teoria X-Barra (CHOMSKY, 1986) restringe as camadas em *CP*, *IP* e *VP*. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo principal suprir determinada lacuna da Teoria X-Barra, promovendo e analisando as construções “tópico-sujeito” como parte integrante da teoria supracitada sob à luz da Cartografia Sintática, que possibilita descrições representativas pormenorizadas de estruturas (NETO, 2021). Tal proposta está ancorada no Programa Cartográfico que, segundo Tescari Neto (2021), ocupa-se da análise precisa e minuciosa da estrutura sintática e de outros domínios estendidos, como, por exemplo, a projeção estendida do nome, do adjetivo, entre outros.

### 1 METODOLOGIA

A pesquisa utilizará três caminhos para o que se almeja: em primeiro plano, irá verificar se há determinados verbos que impulsionam as construções tópico-sujeito, adotando o método introspectivo. Pressupondo que os verbos inacusativos e inergativos são aqueles que mais promovem a topicalização, far-se-á uma análise de dados retirados do português brasileiro. Essa hipótese advém dos inúmeros exemplos que podem indicar uma certa influência do verbo na estrutura argumental, sobretudo na existência ou não de tópicos. Em segundo plano, propor-se-á estudos de caso, em que se aplicará questionários aos estudantes, em que se objetivará compreender a

<sup>1</sup> Licenciado em Letras-Português/Literaturas de Língua Portuguesa pela UFRJ. Especialista em Linguagens, Suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho pela UFPI. Mestrando em Linguística pela UFRJ. Bolsista CAPES/ UFRJ yansilva@letras.ufrj.br

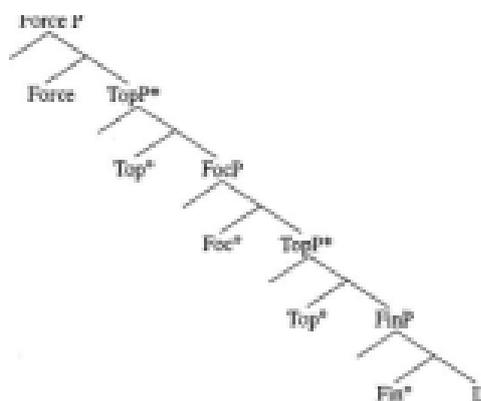
<sup>2</sup> Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientador(a). Prof.<sup>(a)</sup> Isabella Lopes Pederneira/ Curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. isabellapederneira@letras.ufrj.br

lógica do elemento gramatical “sujeito” pelos alunos, a partir das inúmeras definições de sujeito pela GT (Gramática Tradicional). Neste sentido, buscar-se-á levantar a ideia de que uma vez o aluno baseando-se na Gramática Tradicional (que evidencia critérios semânticos em detrimento dos sintáticos), poderá entender o tópico como sendo o sujeito da sentença. Por último, far-se-á uma análise bibliográfica a fim de coadunar os pressupostos cartográficos com a prática pedagógica, a fim de fomentar reflexões sobre como oportunizar tal referencial teórico para a lucidez do elemento gramatical “sujeito” na sala de aula, explicitando propostas pedagógicas não só de análise linguística, como também aquelas voltadas para a produção de materiais manipuláveis, suporte idealizado por Pilati (2017).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

O quadro teórico adotado neste trabalho é o gerativista, embora, por uma limitação projecional da Teoria X-Barra, adotemos especificamente o Projeto Cartográfico. Como dito anteriormente, a Cartografia aparece no cenário linguístico recentemente, sendo uma vertente capaz de evidenciar mais projeções na estrutura argumental. Ela tenta desenhar estruturas com mais projeções por entender que o esqueleto de uma sentença envolve mais camadas. Além disso, buscar-se-á enfatizar a periferia à esquerda da oração.

Neste âmbito, (RIZZI, 1997) considera que se deve pensar em um lugar para estruturas que contenham topicalização e foco, uma vez que tais estruturas superiores seriam elementos que compõem a cláusula oracional. Assim, diferentemente da acepção da Teoria X-Barra, que entende o modelo projecional com três camadas *VP*, *IP* e *CP*, o autor pensa que, para além das informações que o CP deve exprimir (tanto a especificação de força quanto para a finitude), os lugares de topicalização e focalização devem estar assentados na estrutura, sendo cinco núcleos funcionais, tal como no exemplo abaixo:



**Figura 1. Representação de Rizzi (1997)**

A partir dessa representação arbórea, entende-se que a especificação de Força (*force*) está direcionada para fora da sentença, sendo responsável por determinar se a proposição é interrogativa, declarativa ou exclamativa e pela relação dela com a matriz superior, ao passo que a Finitude (*finiteness*) está direcionada a identificar uma caracterização do sistema flexional - finitude da sentença -, definindo-o como finito ou infinito - como também conecta a camada CP à IP.

Assim, quando o CP se expande para alojar tópico ou foco, ForceP e FinP são expressos necessariamente cada um com sua função em cima e embaixo. Porém, quando não há expansão do CP, ForceP e FinP são



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados serão obtidas à medida em que o autor for a campo, sobretudo às salas de aula de Educação Básica com os seguintes objetivos: 1) compreender quais noções os discentes levam em consideração para localizar o *sujeito* da sentença; 2) testar se há alguns verbos que são mais propensos a construções tópicosujeito; 3) verificar a importância do material manipulável, sob a ótica da Aprendizagem Linguística Ativa, no exercício da metacognição. Uma vez que a pesquisa está em andamento, as conclusões serão extraídas após a aplicação da metodologia de Aprendizagem Linguística Ativa na aula de língua portuguesa na Educação Básica, com o uso de material manipulável para o ensino de *sujeito*. A partir daí, o pesquisador irá verificar se há um ensino mais consciente, analítico e profícuo por meio desse material, em vez da aplicação de metodologias tradicionais de ensino.

### CONCLUSÃO

Nesse sentido, considerar a definição gramatical para identificação do sujeito na sentença não parece ser muito profícuo e, por muitas das vezes, problemático. Para isso, a Cartografia Sintática entra no cenário para não só elucidar os sintagmas (topicalizados, focalizados, etc.) nas representações arbóreas (Rizzi,1997), mas como também para trazer uma discussão de que nem sempre uma definição de sujeito será suficiente, na medida em que é um elemento polivalente na língua portuguesa e, por isso, deve-se pensar em elementos que não são requeridos pelo verbo. Sendo assim, o objetivo é defender a ideia de que na utilização de materiais manipuláveis no ensino do sujeito, o aluno poderá perceber a variedade em que tal categoria gramatical pode se apresentar na língua e, conseqüentemente, poderá entender que a localização do item na sentença deve ser feito com base na Estrutura Argumental do próprio verbo, e não em definições semânticas que, como vimos, propagam ideias inconsistentes. Logo, o interesse em trazer propostas práticas e inovadoras para o professor de língua se deve ao fato de que os docentes possuem dificuldade em transpor resultados de pesquisas científicas contemporâneas para seu fazer pedagógico. Neste âmbito, a defesa desse trabalho é a de que a teoria linguística gerativista possui valiosas contribuições para o ensino de Gramática (entendida aqui como um conjunto de regras sistêmicas interiorizadas pelos falantes nativos) de qualquer língua, sobretudo na etapa de escolarização do Ensino Médio, a qual possui, dentre outras finalidades, a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (LDB, 1996). Desse modo, conclui-se que aproximar cada vez mais linguística e ensino contribuirá não só para uma ascensão na qualidade do ensino de língua, bem como no protagonismo discente, uma vez que é possível fazer ciência da linguagem na Educação Básica.

### REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1957.  
NETO, A. T. **Sintaxe Gerativa: uma introdução à cartografia sintática**. Nova

Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

PILATI, E. **Linguística, gramática e aprendizagem ativa**. Campinas, Pontes, 2017.

RIZZI, L. 1997. **The fine structures of left periphery**. In: Haegeman, L. (Ed.). **Elements of grammar: Handbook in Generative Syntax**, 281-337, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996. BRASIL. Lei n. 9.424, de 24 de dezembro de 1996